



Agora ou nunca

Na última semana, o câmpus da Universidade de Brasília foi palco de um acontecimento raro — desses que não apenas marcam a agenda, mas se inscrevem na alma de quem esteve presente. O Ato pela Paz, organizado com maestria pelo NEP (Núcleo de Estudos pela Paz da UnB), sob a coordenação da professora Nair Bicalho, reuniu vozes, corações e consciências para refletir sobre um tema que não admite adiamento: para que tenhamos a garantia do direito ao futuro, precisamos fazer algo pela paz agora.

Aceitei o convite para abrir os trabalhos com a convicção de que este momento histórico exige coragem e lucidez. Estamos todos imersos em uma era de transformações aceleradas, em que a tecnologia avança mais rápido do que nossa sabedoria. Diante disso, propus uma pausa. Um instante de atenção à transitoriedade da vida.

A impermanência da vida nos lembra de que cada escolha conta, mais que isso, que nossos atos irradiam por todo o planeta. E de que só esforços concretos pela cultura de paz serão capazes de nos devolver uma perspectiva real de destino com esperança. Convidei o público a declarar a paz diariamente. Porque é no cotidiano — nas mínimas decisões, nos comentários que projetam acertos futuros — que nos tornamos visionários. Sim, visionários: aqueles que ousam imaginar um mundo pacífico e agem para fundá-lo.

A população precisa cultivar os olhos de quem vê qualidades. Mesmo diante dos erros, é preciso manter viva



a capacidade de reconhecer a potencialidade dos acertos. Em vez de nos enredarmos nos fracassos já cometidos, é hora de aceitar os fatos e mover a atenção para a transformação. Tudo é transitório. E é nessa transitoriedade que habita a força mais bonita da humanidade: a possibilidade de recomeçar.

Na sequência, escutamos falas poderosas. Entre elas, a de Ulysses Riddell, da União Planetária, que nos lembrou com clareza admirável da

responsabilidade intergeracional que carregamos. Nossos tataravós enfrentaram o horror da escravidão. Nossos avós conquistaram o direito ao voto e ao trabalho digno para as mulheres. Nossos pais pavimentaram a estrada da diversidade, ensinando que as diferenças não são ameaças, mas vantagens evolutivas.

E nós? Qual será a nossa contribuição? A resposta ecoou ali, entre os pilares do auditório: cabe a esta geração garantir que a tecnologia, em sua

potência quase mítica, seja usada com discernimento e compaixão. Para que nossos filhos e netos não apenas sobrevivam, mas possam sonhar, criar, evoluir. Para que eles possam escrever, com mãos livres e corações lúcidos, os próximos capítulos da nossa história humana na Terra.

O Ato pela Paz foi, acima de tudo, um lembrete coletivo de que o futuro não começa depois. O futuro começa agora. E ele será pacífico — ou simplesmente não será.